

TIJOLOS VELHOS, IGREJA NOVA: REPRESENTAÇÕES DA DEMOLIÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA IGREJA MATRIZ SÃO SEBASTIÃO EM JARAGUÁ DO SUL (1950-60).

Ana Paula Moretti Pavanello¹

Introdução- Esta pesquisa aborda o que representava para os fiéis católicos de Jaraguá do Sul na década de 50 demolir a antiga Igreja Matriz para dar lugar a uma “nova, moderna e imponente” Igreja, nas próprias palavras desses fiéis? Porquê e como os paroquianos engajaram-se nesta obra é o ponto central do estudo.

Os indivíduos pertencentes à comunidade católica jaraguaense possuíam uma representação clara da construção da Igreja e de si mesmo. Logo, a representação é o norte desta pesquisa, e ela está fundamentada nas pesquisas de Roger Chartier.

Entre as fontes utilizadas neste estudo, temos as fotografias, registradas durante o processo de demolição e reconstrução da Igreja, as entrevistas orais com participantes da obra, as reportagens do jornal da cidade, o “Correio do Povo”, além de uma série de documentos oficiais como; atas, relatórios, livro – tombo.

Para as análises das fotografias da Igreja Matriz de São Sebastião em Jaraguá do Sul, são utilizadas desde sua fundação em 1917 até a sua demolição e reconstrução na década de 50, focando principalmente todo este último período.

Construção da Primeira Igreja Matriz- Jaraguá do Sul foi fundada em 1876 por Emílio Carlos Jordan, teve a presença marcante da imigração européia. Vale lembrar que o final do século XIX o Brasil está recebendo grandes contingentes humanos oriundos da Europa, e o destino desses imigrantes é a região Sudeste e Sul do país.

Na região do Jaraguá os imigrantes compravam os lotes do arrendador Cel. Carlos Emílio Jourdan. Eram de diversas etnias, húngaros, pomeranos, austríacos, e colonos de língua italiana (principalmente tirolezes, venetos e lombardos.)

A imigração alemã começa no final do século XIX , mas intensificou-se depois da 1ª Guerra Mundial, em Jaraguá do Sul, 2/3 praticantes da fé evangélica luterana, e 1/3 professavam a fé católica. Os alemães evangélicos luteranos em 1907 fundam sua Igreja.

Os poloneses também tiveram participação importante na imigração para Jaraguá do Sul, vindo a partir de 1890 e se instalando em pequenas comunidades. Há também uma forte presença húngara que instalou-se nos bairros do Garibaldi e do “Jaraguá 84”, estes eram em sua grande maioria católicos.

Os imigrantes de origem italiana vieram em maior número e começaram a chegar em 1893 vindo de Rodeio e do Rio dos Cedros, região do Médio Vale do Itajaí. Eram oriundos principalmente da região do Tirol e de Trento. Estes imigrantes eram na sua maioria católicos apostólicos romanos, e foram eles , junto com os húngaros, responsáveis pela construção da Igreja Matriz que trato neste trabalho.

A religião existente no período estudado, que vai desde a fundação da cidade de Jaraguá do Sul até a demolição e reconstrução da nova igreja, pode ser considerada como um catolicismo tradicional. Este impregna todos os setores da vida do católico e rege a sua conduta perante a sociedade em que vive.

Por ser a religião muito importante na vida dos imigrantes, desde o início procurou-se realizar o trabalho religioso, assim, desde a fundação da cidade até 1892, esta foi pertencente à diocese do Rio de Janeiro.

A partir de 1892, todo o território do Paraná e de Santa Catarina passou a fazer parte da diocese de Curitiba. Neste período, a assistência religiosa à região de Jaraguá aumentou com as visitas dos padres franciscanos do município de Rodeio. Um dos mais importantes frades que se dedicou a pregar na Colônia de Jaraguá foi o frei Lucínio Korte.

As primeiras capelas na região surgiram no final do século XIX, sendo a primeira capela localizada no *Rio do Cerro*, seguida pela capela no *Rio Molha*. No livro do Frei

Aurélio Stulzer sobre Jaraguá consta os dados do Livro-Tombo de Rodeio que coloca as relações de cinco capelas que atendiam cerca de três mil pessoas antes de 1900.

Desde 1905 há em Jaraguá do Sul a preocupação na criação de uma paróquia própria, porém está ocorre apenas em 1912. Para abrigar esta paróquia iniciou-se uma série de esforços para a edificação de uma Igreja Matriz. A primeira Igreja da Paróquia foi batizada de Paróquia Santa Emília. Em 14 de dezembro de 1913 é lançada e benzida a Pedra Fundamental da Igreja. A construção inicia no começo do ano de 1914. E, em 3 de janeiro de 1917 ela está totalmente concluída e é inaugurada com grandes festejos. No ano de 1926, aconteceu a troca do padroeiro da paróquia, passando de Santa Emília para São Sebastião. Essa troca ocorreu devido à mudança da congregação que administrava a paróquia, esta passou dos freis franciscanos para a Congregação do Sagrado Coração de Jesus.

Demolição da Antiga Igreja- A partir da década de 50 no Brasil a política de industrialização chega no seu auge, principalmente com o governo de Juscelino Kubitchek (1956-1960). Esta industrialização já havia sido iniciada no governo Vargas com um grande investimento na indústria de base, e uma mudança de perfil econômico, de país agro-exportador para um país industrial.

Neste contexto nacional, de grande desenvolvimento e rápidas transformações, Jaraguá do Sul, além de acompanhar os acontecimentos nacionais, também passava por grandes transformações, econômicas e sociais, e são estas transformações que influenciam decisivamente a demolição e construção da Nova Igreja.

No início da década de 1950 quando há os primeiros rumores para a construção de um novo edifício religioso para a Paróquia de São Sebastião, o vigário da paróquia, Pe. Alberto Jakobs, SCJ coloca no Livro- Tombo paroquial a seguinte preocupação: “A nova Matriz cada vez maior é de grande necessidade, em vista de a atual não dá mais lugar para todos. Muitos não entram, muitos tem que ficar de pé.”²

A comunidade católica jaraguaense tinha uma representação bem definida de “progresso”, no sentido deste representar o abandono do velho, e foi a partir desta concepção, e acompanhado o próprio “progresso” brasileiro que ela engajou-se no processo de construção do novo edifício religioso. Esta questão fica representada na reportagem do Jornal Correio do Povo de 9 de março de 1958 que publicou:

Representará um marco soberbo de desenvolvimento religioso em nossa terra, cujos filhos de há muito compreenderam a imperiosa necessidade de tal obra, que colocará Jaraguá do Sul lado a lado com as recentes construções das cidades mais progressistas do Estado, à cuja frente está, indubitavelmente a trepidante e indormida cidade vizinha de Blumenau, com o seu novo monumento, a sua nova Matriz, cujas as linhas e impecável acabamento estão despertando a atenção de todo o país.³

A “igrejinha” no alto do morro não condizia mais com o desenvolvimento da cidade, ela acabava simbolizando o antigo e atrasado, imagem esta que a comunidade não queria estar associada. A Nova Igreja significava o progresso, e também o status da cidade em relação às outras cidades e o Igrejas do país.

No ano de 1956, segundo o Livro-Tombo paroquial temos o pedido de Licença para demolir a antiga Matriz e benzer o Salão Cristo-Rei. E, em e 1957 começa o desmonte da antiga igreja, este trabalho se estende até 2 de abril de 1958 quando é concluído.

Havia entre os fies uma representação específica da importância da obra e o que ela significava, e esta representação era forjada pela própria Igreja. Chartier afirma que

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.⁴

Ressalto que durante toda a movimentação para a demolição e reconstrução da Igreja solicitou e incitou o povo a colaborar de alguma forma, discursos de apelo popular

são encontrados facilmente, não apenas nos documentos oficiais, como também na memória daqueles que ajudaram na construção.

Os jornais tinham o papel de estimular o povo a trabalhar e também a ajudar através de doações, e isto era realizado, principalmente através de reportagens que exortavam a importância deste trabalho, bem como da própria Igreja.

Construção da Nova Igreja- A construção da Nova Igreja iniciou-se em 1958, e este era colocado como um exemplo de fé religiosa, e sendo um exemplo deveriam ser seguidas por outras pessoas, principalmente aquelas que ainda não haviam colaborado de nenhuma forma. Assim, quem não ajudasse não obra, era porque não possuía fé, e não era crente de Deus. Orlandi coloca que: “ é o fato de que a fé é que distingue os fiéis dos não –fiéis, os convictos dos não convictos. [...] a fé é um dos parâmetros em que se assenta o princípio da exclusão.”⁵ E nesta sociedade estudada ser este fato de diferenciação que ninguém estava disposto a assumir. Sentir-se parte da comunidade era essencial para todas as outras formas de relação, mesmo que fora do âmbito religioso.

Além dos homens que realizavam o trabalho mais pesado, como o transporte de material, colocação de vigas e tijolos, as crianças e mulheres também procuraram auxiliar da forma que encontravam a construção. O trabalho das crianças era o transporte do tijolo de um local ao outro, e em fila iam transportando os tijolos de mão em mão. As crianças acompanhavam seus pais, quando estes iam ajudar no processo de demolição da Igreja, os pais incentivavam seus filhos, ressaltando o caráter da obra, como importante para Deus. Sendo também dever das crianças ajudar na construção, assim como de toda a comunidade. Para estas crianças, trabalhar na construção era importante, demonstrava que elas também faziam parte, eram necessárias, além de educa-las no serviço à Deus.

As mulheres eram responsáveis pela raspagem dos tijolos velhos para serem reutilizados. O fato de o trabalho ser espontâneo indica como o sentimento religioso estava enraizado na vida destas mulheres. Era constituinte da própria identidade delas,

que se viam como fiéis católicas a serviço de Deus. Simbolicamente estavam não apenas doando seu trabalho a Deus, era uma doação total, uma entrega a Deus de suas próprias vidas.

Podemos analisar a Igreja como um símbolo da fé dos fiéis. Sendo esta enorme, ressaltava a fé dos fiéis como enorme também. A relação entre fé e construção é clara e presente durante todo o processo da obra.

O padre Donato Wiemes, era uma figura central em toda a obra, era dele que dependia todas as decisões, tanto da construção, como da angariação de recursos para a Igreja. Não era apenas com a busca de recursos que o Padre Donato se engajava, ele servia de exemplo para os católicos, pois trabalhava diretamente na obra, tanto de pedreiro, como também para buscar madeira

A figura do Padre Donato Wiemes é marcante, pois sendo ele representante de Deus na terra, era como se o próprio Deus estivesse trabalhando na construção. Isto só viria reforçar a idéia de que os fiéis tinham que se engajar na obra, pois se Deus trabalhava, eles tinham que por obrigação trabalhar também.

O padre Donato era o representante divino na terra, Orlandi afirma que: “quando digo que a voz de Deus se fala no padre, é “como se” Deus falasse: a voz do padre é a voz de Deus.”⁶ Desta forma, o padre além de ser exemplo de trabalho era respeitado por ser a voz de Deus, ao convocar os fiéis, ao pedir doações, ao incentivar e agradecer todo o trabalho realizado era como se o próprio Deus estivesse fazendo isto.

Para que a construção ocorresse era necessário que se angariassem fundos, umas das formas de arrecadação eram as festas, onde toda a comunidade católica ajudava e também participava dela. Tanto homens como mulheres participavam da festa, e se relacionavam nela. É importante colocar que era principalmente nas festas que a Igreja deixava de ser apenas um espaço para a realização de práticas religiosas para se tornar um espaço de sociabilidade. Jaraguá do Sul não possuía muitos espaços que

permitissem a socialização, até mesmo pelos costumes e valores tradicionais, e religiosos das famílias. Desta forma a Igreja acabava se tornando este espaço social.

Inauguração da Nova Igreja-Todo o trabalho realizado pelos homens, mulheres e crianças foi inaugurado em abril de 1962. Cláudia Leier, paroquiana no período estudado, também afirma que: “pode dizer que eu também faço parte, eu também sou Igreja, porque eu fiz parte dessa construção, quantas outras pessoas não dizem a mesma coisa. Não eu, nós, o povo, a comunidade.”⁷ O sentimento que envolvia a comunidade, era de parte da obra, até por ser este mesmo sentimento motivador da construção. Fazer parte da obra, não era apenas no sentido material, mas também no sentido religioso, de fazer parte da obra divina, do trabalho para com Deus. O trabalho na construção material da Igreja simbolizava a construção do plano divino, era a ligação da comunidade com Deus.

A memória dos entrevistados mostra que a igreja velha era a preferida, porém, deve-se levar em consideração que sempre que lembramos o passado acabamos, muitas vezes, o fazendo de forma nostálgica, exaltando-o. Tanto a igreja antiga quanto à nova têm uma presença muito forte na vida dos fiéis e, de cada uma, preferem um aspecto ou outro. Não é a intenção desta pesquisa que se escolha uma igreja em relação à outra, e sim esclarecer que existem diferenças claras entre elas e que estas também são percebidas por aqueles que as freqüentaram. As percepções acerca das igrejas vêm evidenciar a importância destas na vida dos fiéis. Por fim, é importante colocar que os tijolos velhos que foram reaproveitados na construção não eram apenas por uma fator econômico, mas também simbólico, uma vez que, a Nova Igreja também possuía um “pedaço” da antiga.

A construção possibilitou que se fortalecesse a fé dos fiéis e que a comunidade se unisse em torno de um mesmo objetivo. Além disso, toda a movimentação em torno da demolição da antiga igreja e construção da nova, serviu também para iniciar os futuros fiéis, principalmente as crianças, na responsabilidade que significava “ser” Igreja. Ser

parte da obra era ser parte da Igreja, e com isso o sentimento de pertencer a uma comunidade aumentava.

¹ Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

² Livro- Tombo referente ao ano de 1953, p.62

³ Jornal “Correio do Povo”, nº1789

⁴ CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**.Rio de Janeiro: Editora Bertrand,1990. p.17.

⁵ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento.As formas dos discursos**.São Paulo: Pontes, 1987. p.250.

⁶ ORLANDI, op. cit. P.244.

⁷ Entrevista realizada com Cláudia Leier em 27 de fevereiro de 2004.